

# O MUSEU NACIONAL E A CONSTITUIÇÃO DA SAE:

ASPECTOS HISTÓRICOS DE SUA FUNÇÃO EDUCATIVA

**FERNANDA DE LIMA SOUZA**, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO,  
RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio),  
mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
Atua na Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional da UFRJ.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3394-5612>

E-mail: [fernandalima@mn.ufrj.br](mailto:fernandalima@mn.ufrj.br)

**MARIA MARGARIDA GOMES**, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO,  
RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),  
mestre em Currículo e Ensino pela Universidade do Kansas e doutora em Educação  
pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Associada da Faculdade  
de Educação (UFRJ). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação, no Mestrado  
Profissional em Ensino de Biologia (ProfBio), no Projeto Fundação Biologia (UFRJ) e no  
Laboratório do Núcleo de Estudos Curriculares (LaNEC), no qual coordena o grupo  
de estudos "Currículos escolares, ensino de Ciências e materiais didáticos".

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8609-3898>

E-mail: [margaridaplomes@gmail.com](mailto:margaridaplomes@gmail.com)

**DOI**

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v17i33p268-295>

**RECEBIDO**

27/06/2020

**APROVADO**

23/06/2022

## **O MUSEU NACIONAL E A CONSTITUIÇÃO DA SAE: ASPECTOS HISTÓRICOS DE SUA FUNÇÃO EDUCATIVA**

FERNANDA DE LIMA SOUZA, MARIA MARGARIDA GOMES

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo discutir evidências sobre a constituição social e histórica da função educativa da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional. Dialogando tanto com contribuições do campo do currículo relacionadas a estudos sobre as disciplinas escolares como também com literatura da área de educação em museus, busca-se argumentar sobre a importância da produção de coleções didáticas por esse setor e a respeito da construção da relação com as instituições escolares. Assim, procura-se trazer indícios sobre dois momentos marcantes da história dessa seção: a sua criação nas décadas de 1920-1930 e a socialização de objetos da coleção didática zoológica da SAE no tempo presente. Para isso, são articulados para análise trabalhos bibliográficos, relatórios sobre suas atividades e trechos de entrevistas com professores de ciências e biologia que vêm utilizando exemplares dessa coleção didática de zoologia. Desse modo, apresentam-se reflexões sobre aspectos sócio-históricos determinantes para a constituição dessa seção. Além disso, mostra-se como a relação do Museu Nacional com as escolas vem sendo construída ao longo de sua história a partir de mediações que incluem a produção e disponibilização das coleções didáticas de ciências da SAE.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Coleções didáticas, Museus de ciências e tecnologia, Educação museal, Museus universitários.

# **THE NATIONAL MUSEUM OF BRAZIL AND THE EDUCATION SECTOR: HISTORICAL ASPECTS OF ITS EDUCATIONAL FUNCTION**

FERNANDA DE LIMA SOUZA, MARIA MARGARIDA GOMES

## **ABSTRACT**

This paper discusses the social and historical constitution of the National Museum of Brazil's Education Sector (SAE) and its educational function. Based on contributions from the curriculum field related to school subjects and on literature about museum education, it defends the importance of teaching collections produced by this sector and examines the relations developed with school institutions. Hence, the text looks at two remarkable moments in the history of this sector: its creation in the 1920s-1930s and the socialization its zoological teaching collection today. To do so, the analysis articulates literature on this sector, SAE activity reports and interviews with science and biology teachers, reflecting on social-historical aspects decisive for its creation. Moreover, it explores how the relationship between the museum and schools has been built throughout its history by producing and making available the SAE science teaching collections.

## **KEYWORDS**

Teaching collections, Science and technology museums, Museum education, University museums.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscamos evidenciar a função educativa da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional, destacando a produção de suas coleções didáticas de ciências e a dinâmica de sua relação com as escolas de educação básica. Procuramos resgatar aspectos do referido setor desse museu que possibilitam compreender a constituição histórica de sua função educativa.

Para tal propósito, lançamos mão de elementos sociais e históricos que envolvem a criação da SAE, em 15 de outubro de 1927, para dar ênfase à faceta educativa do museu institucionalizada pela formação do setor. Destacamos que a sua função educativa se constitui em uma relação histórica construída pelo Museu Nacional com as escolas. Essa relação vem acontecendo, principalmente, pela produção de materiais didáticos de ciências, desde as décadas de 1920 e 1930, para serem usados nas instituições escolares.

Argumentamos que a relação do museu com as escolas é firmada, principalmente, a partir do trabalho, fortemente mediado pelas coleções didáticas, que esse setor desenvolve historicamente com essas instituições. Compreendendo os currículos disciplinares de ciências e biologia como produzidos em meio às dinâmicas sócio-históricas de uma comunidade disciplinar (GOODSON, 1997), defendemos o Museu Nacional como partícipe de sua constituição, uma vez que é possível observar elementos de sua influência em práticas curriculares escolares de ensino de ciências. Em outras palavras, consideramos que educadores da SAE exercem influência sobre a comunidade disciplinar de Ciências.

Nossa análise é construída a partir de dois momentos: a criação da SAE nas décadas de 1920/30 e a socialização de objetos da coleção didática zoológica da SAE no tempo presente. Para isso, articulamos trabalhos bibliográficos produzidos sobre essa seção, relatórios sobre as atividades da SAE<sup>1</sup> e trechos de entrevistas com professores de ciências e biologia<sup>2</sup> que utilizam exemplares da coleção didática de zoologia da SAE.

Este estudo discorre sobre a função educativa do Museu Nacional a partir da SAE e de sua relação com as escolas. Articulada aos princípios

1. Referentes ao período de 1920 a 1930.

2. Realizadas no período de maio a junho de 2019.

da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)<sup>3</sup> de pesquisa, ensino e extensão, a SAE procura promover uma educação museal, desenvolvendo ações junto a um público diverso e ainda a escolas e universidades. Ressaltamos a especificidade da educação museal, fortalecida também pela implantação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)<sup>4</sup>, que, dentre outras questões, destaca a importância da SAE neste cenário:

As ações educativas pensadas e implementadas no espaço museal emergiram como atividade de um setor educativo institucionalizado no Brasil em 1927, com o surgimento do então Serviço de Assistência ao Ensino do Museu Nacional, criado por Roquete Pinto. O Serviço tinha como missão auxiliar o desenvolvimento de práticas educativas que colaborassem com o aprendizado e com o currículo escolar (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2018).

O documento da PNEM conta com a apresentação de textos produzidos por diferentes profissionais do campo da Educação Museal. Conforme afirmam Costa et al. (2018, p. 74), a Educação museal é uma peça fundamental da educação geral na sociedade, “seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e com a experiência da visita”. Dessa forma, a “... Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la ...” (COSTA et al., 2018, p. 74).

A esse respeito, dialogamos ainda com os estudos de Marcele Pereira (2010), Luciana Conrado Martins (2011), Paulo Rogério Sily (2012) e Hooper Greenhill (1999) para compreender as ações do Museu Nacional e da SAE no contexto da Educação Museal. Por outro lado, as teorizações de Ivor Goodson (1997) nos permitem entender as relações dessas ações com os currículos escolares.

Buscando elucidar a função educativa do Museu Nacional a partir de elementos que vêm constituindo sócio-historicamente a SAE, organizamos

3. O Museu Nacional é um museu universitário, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

4. “A Política Nacional de Educação Museal é produto de um processo iniciado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) em 2010. O documento resultante é representativo da interlocução entre museus de todo o país, com o protagonismo de seus educadores. Essa ampla construção coletiva gerou a constituição de parâmetros, no intuito de impulsionar a área museológica brasileira e contribuir com a reflexão no cenário internacional” (ARAÚJO, 2018, p. 7).

o trabalho da seguinte forma: na seção 2 trazemos as reflexões sobre os currículos escolares e comunidades disciplinares com base nos estudos de Ivor Goodson (1997), destacando ainda a construção do acervo empírico. Em seguida, na seção 3, discorremos sobre aspectos históricos da construção da SAE, enfatizando o protagonismo de Edgard Roquette Pinto. Já na seção 4, abordamos a análise desenvolvida a partir de depoimentos de professores e trechos de relatórios produzidos pela SAE. E apresentamos as considerações finais na seção 5.

## 2 A ARTICULAÇÃO DA SAE COM OS CURRÍCULOS ESCOLARES DE CIÊNCIAS

Ivor Goodson (1997) compreende as disciplinas escolares como constructos sócio-históricos resultantes de disputas no interior de comunidades disciplinares. Portanto, são formadas em meio a conflitos e embates travados em torno da produção do conhecimento. À luz dessa perspectiva histórica, ressaltamos o processo dinâmico de construção das disciplinas escolares, que se constituem em meio a padrões de estabilidade e mudança relacionados à valorização de diferentes finalidades educativas propostas por grupos e subgrupos que atuam nas comunidades disciplinares em contextos históricos específicos. Na sua formação, as disciplinas escolares se configuram tanto a partir da manutenção de tradições e sofrem alterações.

A comunidade disciplinar é formada por grupos heterogêneos, no interior dos quais os sujeitos atuam discutindo e selecionando conhecimentos escolares:

A comunidade disciplinar não deve ser vista como um grupo homogêneo cujos membros comungam dos mesmos valores e definição de papéis, interesses e identidades. A comunidade disciplinar deve ser vista, sim, como um movimento social incluindo uma gama variável de missões ou tradições distintas representadas por indivíduos, grupos, segmentos ou facções (GOODSON, 1997, p. 44).

Essa comunidade tem papel fundamental nos processos de estabilidade e mudança relacionados às disciplinas escolares. O conhecimento é produzido no âmbito da comunidade disciplinar, mas não apenas naquele espaço, e sim também a partir da influência de fatores externos a essa comunidade. Fatores internos, ou seja, discussões no

interior da comunidade disciplinar entre os membros que a constituem; e fatores externos, relacionados a influências externas à comunidade disciplinar, como atuação das famílias, sistema e políticas de ensino, produção de livros didáticos, demandas de mercado e demandas sociais do momento vigente, incidem sobre as decisões tomadas no universo das comunidades disciplinares (GOODSON, 1997).

Por esse viés, a seleção de conhecimentos escolares que ocorre nas comunidades disciplinares envolve conflitos e embates entre os indivíduos da comunidade:

É dessa forma que determinadas retóricas sobre as disciplinas escolares são mantidas ou modificadas, numa junção de interferências internas e externas às comunidades, associando interesses materiais, idealistas e morais (GOMES, 2008, p. 176).

Os atores da comunidade disciplinar vão construindo retóricas que visam à obtenção de apoio ideológico e de recursos materiais. Neste caminho interpretativo, podemos compreender que as disciplinas são construídas “[...] social e politicamente e os atores envolvidos empregam uma gama de recursos ideológicos para levarem a cabo as suas missões individuais e coletivas [...]” (GOODSON, 1997, p. 27). No entanto, apesar dos conflitos e tensões em seu interior, compartilham momentos entre seus membros com objetivos comuns que possibilitam o fortalecimento da disciplina. Dessa maneira, em meio a acordos e negociações, tornam-se hegemônicos em determinado contexto sócio-histórico, os conhecimentos escolares que vencem as disputas curriculares (FERREIRA, 2005).

Acreditamos que pensar a função educativa da SAE implica pensar na relação do setor com os currículos escolares, atravessados pela definição dos conhecimentos preconizados para as disciplinas Ciências e Biologia no espaço de sua comunidade disciplinar. À luz das contribuições teóricas de Ivor Goodson (1997) sobre a constituição sócio-histórica das disciplinas escolares Ciências e Biologia em meio a disputas no interior de uma comunidade disciplinar, compreendemos o currículo como uma construção social, produzido por uma comunidade disciplinar. Nesse sentido, procuramos argumentar que os educadores e pesquisadores da SAE fazem parte da comunidade disciplinar de ensino de Ciências e Biologia, o que pressupõe considerar que conhecimentos valorizados pela SAE podem ser percebidos na produção de materiais didáticos e ações educativas valorizadas por essa comunidade disciplinar.

Promovendo o diálogo entre esses estudos sobre a constituição sócio-histórica dos currículos escolares de ciências e biologia com aqueles

sobre a educação museal, organizamos neste trabalho um acervo empírico construído a partir da articulação entre: (i) leituras da literatura sobre educação em museus e sobre o Museu Nacional; (ii) trechos de relatórios anuais da Seção de Assistência ao Ensino oriundos da época de criação do setor nas décadas de 1920 e 1930<sup>5</sup>; e (iii) trechos de depoimentos de professores que usam as coleções didáticas da SAE atualmente<sup>6</sup>. Desse modo, com base na análise desses elementos, buscamos discutir aspectos da construção histórica da função educativa do Museu Nacional por meio da constituição da SAE. Para isso, articulamos a dinâmica de relações entre a comunidade das disciplinas escolares Ciências e Biologia com a atuação dos educadores do Museu Nacional.

Ressaltamos que, no período de 1920 a 1930, selecionado para leitura dos relatórios, se deu a criação da SAE, assim como a produção de coleções didáticas, pelo Museu Nacional, para serem encaminhadas às escolas. Além disso, esse período também se relaciona ao Movimento de Renovação da Escola Nova, que contou com participação do educador criador da SAE, o que será destacado na seção 3.

Os relatórios produzidos pela SAE, nesse período, trazem as diversas atribuições do setor à época de sua criação e o quanto suas atividades se relacionavam à divulgação das Ciências Naturais em consonância com as ideias educacionais predominantes. Nesses documentos, eram descritas mensalmente as atividades desenvolvidas pela seção, além de trazerem dados quantitativos do movimento de material produzido e distribuído às instituições escolares, incluindo aulas de taxidermia<sup>7</sup> ministradas pela seção a professores da educação básica, quantitativo de professores que usaram a sala de cursos do museu, número de aulas práticas ministradas aos professores com seus temas e pesquisadores naturalistas do museu responsáveis pelas mesmas, alunos e escolas atendidas, serviço de catalogação,

5. Foram analisados os relatórios anuais referentes aos anos de 1929 e 1930, recortando-se os aspectos articulados aos objetivos deste trabalho.

6. Extraídos da tese de doutorado concluída em março de 2020. As entrevistas realizadas são parte do projeto aprovado pelo Comitê de Ética.

7. Técnica de conservação de espécies por via seca conhecida como taxidermia. “O preparo de peles para exposição ou estudo denomina-se taxidermia. Tradicionalmente taxidermizam-se para coleções mamíferos e aves. Mamíferos menores (exceto morcegos) e a quase totalidade das aves são taxidermizadas definitivamente no campo” (MARTINS, 1994, p. 32).

conservação e classificação de material realizado, além de cursos sobre organização de museus escolares.

Além da análise dos relatórios, como instrumento de coleta de dados, de natureza qualitativa, optamos pela realização de entrevistas semiestruturadas, a partir das quais foram selecionados trechos dos depoimentos dos professores de Ciências e Biologia. Esses professores utilizam as coleções didáticas de zoologia da SAE, que, antes enviadas às escolas para montagem dos museus escolares, são agora emprestadas ao público. Assim, são produzidas, guardadas e expostas por instituições científicas e de ensino superior devidamente reconhecidas como fiéis depositárias do patrimônio genético brasileiro, como é o caso do Museu Nacional. Foram entrevistados nove professores, de diferentes instituições escolares, selecionados a partir de formulários de avaliação, sobre o uso que fazem do material, parte dos acervos da SAE.

Compreendemos, a partir de Ivor Goodson (1997), que as disciplinas escolares Ciências e Biologia se formam em meio a diferentes contextos sociais e políticos, atravessadas por processos históricos de atuação da comunidade disciplinar que designa sobremaneira sobre os conhecimentos escolares a serem valorizados. Ao abordarmos, neste estudo, que a formação da SAE implica em instituir a função educativa do Museu Nacional, destacamos que suas ações mostram sua participação na comunidade disciplinar de Ciências e Biologia, influenciando seus currículos escolares.

**3 RELAÇÕES HISTÓRICAS DA SAE COM EDGARD ROQUETTE PINTO**  
Nesta seção, mobilizamos centralmente autores da área da educação em museus, particularmente Marcele Pereira (2010), Luciana Conrado Martins (2011), Paulo Rogério Sily (2012) e Hooper Greenhill (1999). Os referidos autores auxiliam a traçar um panorama histórico da criação da SAE, expondo suas atribuições e seu lugar no Museu Nacional, mostrando a sua importância para a institucionalização da educação em museus. Ainda que práticas educativas pudessem ser percebidas no Museu Nacional antes da criação do setor, em 1927, se instituiu esse setor responsável oficialmente pelos processos educativos.

Partimos da distinção que Pereira (2010) apresenta entre dimensão e função educativa de museus para compreender como o Museu Nacional

institucionalizou sua dimensão educativa com a criação da SAE em 1927, transformando-a em uma função educativa específica. Concordando com a autora, destacamos que a dimensão educacional constitui uma das dimensões que acompanha o Museu Nacional desde sua criação.

Pereira (2010, p. 22) discute ainda as dimensões educacional contemplativa, cívica, democrática, escolar e socioeducativa, considerando que se relacionam e possibilitam “[...] um entendimento da dinâmica histórica dos museus com relação às questões educativas [...]”. A função educativa se insere na perspectiva de institucionalização das práticas educativas dos museus:

O museu tem várias dimensões que se complementam. A dimensão educacional, por exemplo, é inerente ao seu surgimento e o acompanha em todos os momentos de sua história. Essa dimensão passa a tomar contornos que vão além de uma aura educacional permanente quando o museu passa a requerer para si uma estrutura funcional que possibilite o exercício educativo de forma organizada com objetivos definidos. Ou seja, dá-se assim início ao processo de institucionalização de suas práticas educativas (PEREIRA, 2010, p. 19).

Nesse sentido, podemos considerar que, embora a dimensão educativa dos museus tenha se fortalecido e se tornado mais valorizada a partir do século XX, o Museu Nacional a mantém desde sua criação. Naquele momento, as preocupações educacionais eram perpassadas pela formação de uma identidade nacional, a construção de uma nação, a promoção da educação científica do povo, a difusão da História Natural e a instrução de um público seletivo, formado por cientistas, pesquisadores e naturalistas. No entanto, a sua função educativa é afirmada e fortalecida com a criação da SAE em 1927.

Dessa forma, concordando com Pereira (2010), a criação da SAE representou a transição de uma dimensão educativa pautada por uma aura educacional inerente à origem do museu, para a valorização de sua função educativa.

Compreendemos que o Museu Nacional nas décadas iniciais do século XX deu um grande passo para a educação em museus no Brasil, principalmente por inovar ao criar uma seção dedicada ao ensino, aos moldes das demais seções científicas do Museu. Significava a oficialização da prática educativa realizada pelo Museu Nacional desde o seu surgimento. Dessa forma, podemos compreender no exemplo

do Museu Nacional como se deu a mudança de perspectiva dos museus em que a dimensão educacional tida como inerente se transforma em função educativa institucionalizada. Mesmo compreendendo que estas perspectivas podem ser concomitantes, percebemos que a função educativa assume, na maioria dos casos, o controle das práticas educativas nos museus (PEREIRA, 2010, p. 16).

Então, a partir de 1927 passou a existir um setor no Museu Nacional responsável pelos processos educativos, sendo a educação museal concebida como um conjunto integrado de planejamento, sistematização, realização, registro e avaliação dos programas, projetos e ações educativas (COSTA et al., 2018). Desse modo, é constituída a ideia de que o museu possui um modo próprio de desenvolver sua dimensão educacional, pressupondo-se uma especificidade no fazer-pensar da educação em museus, que perpassa desde a constituição de equipes educativas até a existência de uma pedagogia própria associada a esse fazer (MÔNACO, 2013). Nesse sentido, Machado (2009) complementa que o setor responsável pela educação no Museu Nacional passou a desenvolver práticas educativas intencionalizadas, com propostas pedagógicas definidas. Em outras palavras, a função educativa se refere à existência de uma finalidade sistemática e comprometida com objetivos educacionais (COSTA, 2017).

Importante destacar ainda o momento de criação dos primeiros setores educativos de museus no mundo, influenciado, de certa forma, por projetos de construção de uma sociedade, pela perspectiva da educação pública, ampliação do acesso ao público, modernização social e divulgação da ciência como progresso e caminho para a resolução dos problemas, o que pressupõe a relação com as escolas, os professores e o público. Por exemplo, o setor educativo do Museu do Louvre foi criado ainda no século XIX, em 1880, seguido do Victoria e Albert Museum, na Inglaterra (MACHADO, 2009).

Importante lembrar que os museus – instituições científicas e de instrução pública – estavam inseridos no projeto de modernização da sociedade – leia-se projeto de expansão capitalista – marcado por uma perspectiva otimista quanto ao progresso da ciência e da tecnologia. Esta visão tinha na ciência a solução de todos os problemas e o melhor instrumento para construir uma sociedade civilizada e creditava à educação a responsabilidade pela adaptação do homem às exigências demandadas pelo processo de modernização. Assim, a educação tornara-se um signo de modernidade (MACHADO, 2009, p. 15).

Nesse cenário de criação dos setores educativos de museus, a Inglaterra influenciou a forma como a educação passou a ser compreendida nos espaços dos museus. Hooper Greenhill (1999) desenvolveu estudos sobre as origens dos serviços educativos dos museus ingleses, destacando que o alcance do papel educacional dos museus se alterou e ampliou profundamente nos últimos anos. No final do século XIX, as visitas escolares naquele país passaram a ser consideradas atividades educacionais, e os museus começaram a se organizar para receber as escolas, desenvolvendo cursos para a formação de professores, visitas monitoradas e montando kits didáticos para empréstimos às escolas, com animais empalhados, fósseis e rochas. Dessa forma, surgiram os primeiros serviços educativos organizados nessas instituições (MARANDINO et al., 2016; MARTINS, 2011).

Segundo Martins (2011), visitas escolares e *kits* para empréstimo fornecem indícios de como os setores educativos de museus começaram a ser estruturados. O papel educacional dos museus se fortaleceu nos séculos XIX e XX, momentos que coincidiram com a estruturação dos setores educativos dessas instituições, que passaram a estabelecer relação mais estreita com as escolas.

Ressaltamos também que, para responder às atribuições que lhe foram conferidas, os setores educativos foram utilizando recursos, programas, estratégias e atividades que acabaram se tornando comuns, tais como: organizar visitas explicadas; realizar cursos, palestras e conferências, especialmente para professores e alunos de cursos de formação; produzir materiais didáticos para uso do museu e das escolas; estruturar sistemas de empréstimo de coleções e materiais para as escolas; articular-se com o sistema formal de ensino de forma a desenvolver atividades educativas para professores e alunos que sejam coerentes com as necessidades curriculares (MACHADO, 2009, p. 55).

Podemos pressupor que essa demanda inicial de atendimento às escolas acabou por configurar os setores educativos dos museus. As coleções de pesquisa passaram a ser dissociadas daquelas para exposição, o que denota preocupação com a divulgação científica, com a socialização do conhecimento produzido no interior dos museus, reforçando o caráter público do museu a partir de um acesso cada vez mais ampliado. Além disso, afirma-se a função educativa com suas particularidades na apresentação das coleções ao público. Dessa forma, no bojo da criação da SAE, se instituiu:

[...] uma separação entre educação e pesquisa, na medida em que este novo serviço deveria tomar para si as atividades relativas às ações educativas do Museu, principalmente as dirigidas para os estabelecimentos de ensino, deixando às seções as atividades de pesquisa científica (SILY, 2012, p. 12).

Tal compreensão da especificidade dos setores educativos torna importante dar destaque ao idealizador da SAE do Museu Nacional, primeiro setor educativo de um museu brasileiro. Roquette Pinto foi o primeiro chefe do Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural<sup>8</sup> (1927-1935), acumulando o cargo com o de diretor do Museu Nacional. Era antropólogo e educador, considerado o pai da radiodifusão. Defendeu que o acesso ao conhecimento científico fosse irrestrito, que todos tivessem acesso à ciência e ao ensino de história natural de forma igualitária, reconhecendo o papel educativo do Museu Nacional (COSTA, 2017).

Kóptcke, Lopes e Pereira (2007) investigaram as atividades de colaboração entre o Museu Nacional e as instituições de educação formal no período de 1832 até o final de 1927, um período em que tal articulação ainda não caracterizava uma ação sistemática. Ao analisarem arquivos do acervo do Museu Nacional, como regulamentos, regimentos, ofícios, relatórios e livros de visitantes, as autoras puderam observar indícios de colaboração entre o Museu Imperial e a instrução elementar da época. Com isso, as autoras expõem uma relação antiga do Museu Nacional com as escolas, indicando a presença da dimensão educacional na sua trajetória histórica.

No entanto, é a partir da criação da SAE, em 1927, que as ações se tornam sistemáticas, priorizadas as atividades pedagógicas, ganhando força a preocupação educacional e a divulgação científica:

Foi instalada uma sala de conferências, considerada uma das mais bem aparelhadas para o ensino de história natural utilizada principalmente pelas escolas. Foi remodelado o Horto Botânico e renovados os antigos laboratórios de Mineralogia que passam a integrar a seção de ensino. Em 15 de outubro de 1927, a seção de assistência ao ensino de história natural deu enorme impulso às atividades ligadas a esse setor dentro do Museu. Em 1932, 30 colégios e escolas públicas, totalizando 2.282 alunos, frequentaram a sala de conferências do Museu. Eram exibidos filmes e dispositivos. A organização do acolhimento ao público escolar

8. Nome atribuído ao setor à época da sua criação.

acontece no bojo do Movimento da Escola Nova (KÓPTCKE; LOPES; PEREIRA, 2007, p. 7).

Ressaltamos a importância, nesse momento, da atuação de Roquette Pinto no Museu Nacional marcada pela relevância de concepções científicas e sua socialização. O educador teve protagonismo nesse cenário político social, atuando no Movimento dos Pioneiros da Escola Nova, enxergando no museu um lugar de educação e ciência. Na década de 1930, o Movimento dos Pioneiros da Escola Nova constituiu um movimento liderado por educadores brasileiros, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, que, influenciados pela discussão internacional sobre educação da época, se apropriaram de discussões teóricas e inovações práticas realizadas na educação europeia e norte-americana (PEREIRA, 2010).

O educador John Dewey foi um grande expoente dessa influência, defendendo uma educação para a vida, a experiência e a vivência do aluno. A valorização da experiência e da escola conectada com a vida, defendidos por John Dewey, em muito influenciaram o escolanovismo no Brasil. O filósofo destacava a importância dos museus como complementares das escolas, oportunizando experiências enriquecedoras para os estudantes. A Escola Nova influenciou fortemente as práticas da educação em museus (PEREIRA, 2010).

Sob essa influência, foram defendidas novas práticas educativas nas escolas, que se opusessem às práticas tidas como tradicionais. O movimento argumentava em favor de uma renovação no ensino, com valorização da experiência do aluno e uma educação que estimulasse os seus sentidos, partindo do concreto para o abstrato (VIDAL, 2003).

Também Edgard Roquette Pinto atuou nesse movimento, influenciado pelas concepções de educação disseminadas por ele. Estavam aí presentes concepções de educação que o educador trouxe para o Museu Nacional, caracterizando a forma como se concebia a educação e a ciência no museu. As práticas educativas do Museu Nacional foram, dessa forma, influenciadas por concepções trazidas por Edgard Roquette Pinto, apoiado por outros atores do Movimento de Renovação da Escola Nova, como Paschoal Lemme.

O Museu serviria como locus de experimentação para as ações educativas que Roquette acreditava. Adepto dos conceitos e preceitos da Escola Nova, movimento educacional internacional difundido na década de 1920 por educadores e filósofos, principalmente norte

americanos, Roquette seria um dos pioneiros que enxergariam no Museu um local para experimentação e para o exercício da aprendizagem a partir da observação e da prática como acreditavam os escolanovistas (PEREIRA, 2010, p. 130).

Essa proposição pode ser identificada nas relações que o Museu Nacional estabeleceu com as escolas. Por ordenação do governo brasileiro e demanda das escolas, nas décadas de 1920 e 1930, o Museu Nacional produziu coleções didáticas e quadros murais<sup>9</sup> para as escolas, o que evidencia a relação de longa data construída com elas. Esses materiais eram fornecidos às escolas para auxiliar a prática dos professores (SILY, 2012, p. 217). Os museus escolares eram constituídos por objetos do Museu Nacional montados nas escolas:

Na Assistência ao Ensino de Ciências Naturais eram oferecidos para as escolas, além dos serviços já listados, materiais educativos e instruções para auxílio na elaboração de museus escolares. Aliás, é importante destacar as iniciativas de apoio que o Museu Nacional, por intermédio da Seção, oferecia às escolas. A procura era considerável e as iniciativas de surgimento destes museus eram absorvidas pelo Museu Nacional como uma conquista. Os museus escolares eram considerados objetivos da Seção de Assistência ao Ensino (PEREIRA, 2010, p. 141).

Foram produzidas e distribuídas coleções didáticas de zoologia, geologia e mineralogia, com o intuito de apoiar o ensino de ciências, em um momento em que se tinha como pressuposto que a população deveria ter acesso ao conhecimento científico e que era o museu que tinha autoridade para tal tarefa.

Podemos perceber que os primeiros passos do processo de institucionalização da educação museal no Brasil se caracterizam pelo estabelecimento de uma relação de dependência entre o Museu Nacional e as escolas (COSTA, 2017, p. 53).

Entendemos que, quando o Museu Nacional produziu materiais didáticos de ciências, durante o período de 1920 e 1930, para serem usados nas escolas, essa instituição museal passou a participar da formação dos currículos da disciplina escolar de Ciências, imprimindo ideias sobre o ensino relacionadas à importância do conhecimento de história natural nas produções desses objetos para o ensino.

9. Quadros compostos sobre folha de papel amidoado, com imagens em desenho e pintura em aquarela e breves textos explicativos sobre conhecimentos elementares de história natural (SILY, 2012).

Reforçando esse argumento, observamos que, já com a Reforma Benjamim Constant, em 1890, reforma do ensino para a Instrução Primária e Secundária no Distrito Federal após a Proclamação da República, o Museu Nacional era acionado a participar da implantação de um novo currículo para as escolas, que incluísse o ensino de história natural em meio a outras disciplinas científicas, empregando o método intuitivo<sup>10</sup> de ensino (SILY, 2012, p. 254).

Isso mostra que, mesmo antes da criação do setor, o Museu Nacional já influenciava o ensino de Ciências nas escolas. No entanto, a tarefa educativa é transferida exclusivamente à SAE no momento de sua criação, sendo a mesma responsável pela preparação de coleções didáticas, ação antes realizada pelas demais seções do museu (PEREIRA, 2010).

Com base em Goodson (1997), argumentamos que o Museu Nacional assume historicamente o papel de uma instituição que tem influência nas construções curriculares de ensino de Ciências nas escolas. Seus educadores intervêm na comunidade disciplinar de Ciências e Biologia, com concepções pedagógicas difundidas pelo Movimento de Renovação da Escola Nova, o que se reflete também na produção de materiais didáticos. Para Goodson (1997), como vimos, o currículo e as disciplinas escolares devem ser percebidos como constructos sociais produzidos em meio à atuação nas comunidades disciplinares em torno dos conhecimentos escolares.

À luz dessas ponderações, podemos dizer que, à época da criação da SAE, os conhecimentos de história natural foram muito valorizados, assumindo o Museu Nacional uma importante responsabilidade pela sua disseminação. Assim, a sua função educativa é perpassada pela relevância que tinha o conhecimento da história natural a ser divulgado nas escolas.

No Museu Nacional, nas primeiras décadas do século XX, constatamos que a percepção de educação em museus e de função educativa passa inicialmente pela relação de prestação de serviços a favor da boa apropriação das ciências naturais pela escola, e se coloca a favor destas relações, servindo como mediador entre a escola e o conhecimento da História Natural (PEREIRA, 2010, p. 141).

10. O método intuitivo valorizava a aquisição de conhecimentos pelos sentidos. Era pela visão, tato, audição, paladar e olfato que a criança seria levada a conhecer o mundo que a cercava. O ensino seria realizado pelas “lições de coisas” – maneira como foi vulgarizado (VIDAL, 2003, p. 6).

O ensino de história natural é preconizado por Edgard Roquete Pinto, que argumentava que a sociedade tivesse acesso irrestrito a esse conhecimento. Tal valorização pode ser reconhecida no próprio nome da seção, em 1927, quando foi criada, o “Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural”. Dessa forma, os objetos produzidos para serem enviados às escolas carregavam essa perspectiva:

Esta seção surge com o objetivo de concentrar todas as iniciativas que o Museu já desenvolvia no campo da educação. O intuito era fazer com que as práticas realizadas sem caráter sistemático pudessem ser realizadas e potencializadas para a comunidade de professores e alunos que já frequentavam o museu e que demandavam ajuda e esclarecimentos acerca da História Natural (PEREIRA, 2010, p. 133).

Nas Figuras 1 e 2, expomos a sala de preparação e determinação de material do Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural, à época de sua criação, em 1927. Nesta sala, eram preparadas as coleções didáticas para serem enviadas às escolas.

FIGURA 1

Sala de preparação e determinação de material da SAE, 1927. Fonte: Seção de Arquivo e Memória Museu Nacional (SEMEAR).



FIGURA 2

Sala de preparação e determinação de material da SAE, 1927. Fonte: Seção de Arquivo e Memória Museu Nacional (SEMEAR).



No período de 1920 a 1930, as escolas procuravam com frequência o museu em busca de informações e aulas para aprender a preparar as coleções e as técnicas para o cuidado com os espécimes colecionados (PEREIRA, 2010). Antes da criação da SAE, essas ações eram realizadas por diversas seções do museu. No entanto, com o surgimento do setor, essas atividades passam a ser exclusivas da seção de ensino.

Em certa medida, esse pode ser considerado um avanço pois caracteriza a importância das ações educacionais e, no intuito de desobrigar as outras seções com assuntos de ensino, concentrar todas as solicitações em lugar apropriado a questões educativas (PEREIRA, 2010, p. 137).

Julgamos relevante destacar que as ações do setor foram se ampliando até o tempo presente, em articulação com transformações na sociedade e novas demandas sociais. Nesse sentido, a SAE continua mantendo ações que caracterizam uma relação estreita com as escolas, buscando ainda atender a heterogeneidade de públicos visitantes do Museu Nacional e tendo suas ações pautadas pelas premissas da acessibilidade cultural, inclusão social, divulgação científica e democratização do Museu Nacional.

A busca por elementos que garantam à escola e à educação aspectos de qualidade, de democracia e de igualdade encontrou nos museus grandes parceiros. Em princípio um parceiro prestador de serviços complementares ao currículo escolar, no entanto, esse espaço de serviço contribuiu para a melhoria das práticas educacionais em nosso país e também inseriu nas escolas o hábito de buscar parceiros na empreitada

da educação. Hoje o universo destes serviços é outro. As possibilidades e situações esperadas desses serviços também são outras. A perspectiva de estar aberto a possíveis relações e a novas parcerias, porém, não mudou. Os setores educativos dos museus se mantêm atentos e receptivos a novas possibilidades de atuação (PEREIRA, 2010, p. 147).

Atualmente, a SAE desenvolve diversas pesquisas no campo da educação museal e projetos educativos que visam promover a popularização do conhecimento científico e a ampliação do alcance social, como o projeto de extensão “Clube de Jovens Cientistas do Museu Nacional: Ciência na Quinta”. A sua proposta é a formação de um clube de ciências com estudantes de escolas públicas municipais localizadas no território compartilhado com o Museu Nacional no Rio de Janeiro.

O projeto “O Museu vive nas escolas” visa proporcionar atividades educativas e culturais junto aos estudantes a partir da interação direta com as coleções didático-científicas da SAE e da mediação dialógica feita pelos educadores museais, mediadores e técnicos do Museu Nacional.

O projeto “Coleções didáticas da SAE” se relaciona aos cuidados e manutenção das coleções, além de envolver os procedimentos de empréstimo dos materiais. As coleções didáticas são ferramentas pedagógicas fundamentais no setor, utilizadas na maior parte das ações desenvolvidas em todos os projetos.

Já o projeto “O Museu Nacional ocupa a Quinta: encontros com a comunidade” busca promover ações de popularização da Ciência no parque da Quinta da Boa Vista. O projeto alcança público numeroso e os mediadores atuam na interação com os visitantes e na exposição do acervo das coleções didáticas da SAE. Na Figura 3, mostramos uma das ações deste projeto.

FIGURA 3

Encontros com a Comunidade.  
Fonte: Frieda Marti, acervo pessoal.



#### 4 RELAÇÕES HISTÓRICAS DA SAE COM OS PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Buscando compreender mais profundamente a construção social e histórica da função educativa da SAE do Museu Nacional, nesta seção, trazemos dados que complementam a argumentação de que esse setor reflete as ações de participação dessa instituição na comunidade disciplinar de Ciências e Biologia. São apresentados tanto depoimentos de professores<sup>11</sup>, usuários das coleções didáticas da SAE no tempo presente, como também trechos de relatórios anuais produzidos pela seção nas décadas de 1920 e 1930<sup>12</sup>. Acreditamos que esses documentos contribuem para ampliar a compreensão de aspectos relevantes da função educativa do Museu Nacional a partir de seu setor de ensino, bem como evidenciar a relação do museu com as escolas construída desde longa data e mediada pela produção de materiais didáticos de ciências.

Em um dos depoimentos dos professores entrevistados, o papel da SAE foi destacado como um planejamento coletivo da aula:

*[...] isso eu achava fantástico. Esse amparo que existia dos profissionais da coleção, de saber o que você quer, quais são seus objetivos, o que você quer daquilo, quase que um planejamento coletivo da atividade, entendeu? [...]* (professor Hugo)<sup>13</sup>.

*Então existia um serviço de auxílio onde um profissional do museu sempre que eu fui fazer retirada do material a gente discutia objetivos que eu ia ter com aquele material, se eu precisava de um material A ou do material B e existia uma possibilidade de uma montagem bem customizada, digamos assim, para o que eu queria. Sempre me foi oferecido isso, sei lá, a gente pode montar de repente uma caixa com outros exemplares para essa atividade que você quer. Isso eu achava interessante* (professor Hugo)<sup>14</sup>.

Essa ideia de um “planejamento coletivo” denota uma forma de perceber a relação entre o museu, representado pela SAE, e a escola. Ou seja, trata-se de um trabalho conjunto de planejamento de aula, em parceria,

11. Trechos de entrevistas com professores de Ciências e Biologia ocorridas no período de maio e junho de 2019.

12. Documentos produzidos pela SAE para envio à Direção do Museu Nacional que discorrem sobre as atividades desenvolvidas ao longo do ano.

13. Fonte: entrevista com professor Hugo. Arquivo de pesquisa Liga Acadêmica de Neurociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LaNEC/UFRJ).

14. Fonte: entrevista com professor Hugo. Arquivo de pesquisa LaNEC/UFRJ.

um impactando o outro, museu impactando a escola e escola impactando o museu. O currículo da escola norteia em certa medida o trabalho desenvolvido pelo museu, e o olhar e as práticas do museu também incidem sobre as práticas da escola.

Nesse contexto, a SAE seleciona, organiza e prepara material didático de Ciências e Biologia para ser usado nas escolas, o que pressupõe pensar que a demanda das escolas influencia o trabalho que o Museu Nacional desenvolve a partir de sua seção de ensino, observando ainda a existência de conhecimentos valorizados por esse setor a serem ensinados nas escolas. A ideia apresentada por esse professor a respeito de uma “montagem customizada” do material didático pela SAE parece indicar a inclinação do setor em selecionar o material que se encaixe dentro da proposta pedagógica do professor, de seu planejamento de aula, articulando-se aos seus objetivos pedagógicos.

A importância do empréstimo dos exemplares também é ressaltada na medida em que se compreende que “[...] nem todos os organismos poderão ser vistos na natureza [...]”<sup>15</sup>. O trabalho de empréstimo desenvolvido pela SAE também é valorizado como fundamental na afirmativa “[...] fiquei admirada com a quantidade de material disponível e a facilidade de empréstimo [...]”<sup>16</sup> ou “[...] bom ter essa parceria com o Museu [...]”<sup>17</sup> ou ainda que “[...] esse trabalho do empréstimo é fantástico. Divulgo aos outros professores de ciências da escola”<sup>18</sup>.

Uma explicação sobre como a SAE poderia contribuir para o trabalho desenvolvido em sala de aula também deixa clara a relevância do empréstimo das suas coleções didáticas:

*[...] Ah, eu vejo mais especificamente no empréstimo dos lotes. Não consigo visualizar hoje um motivo que a seção poderia estar auxiliando. Mas como ela trabalha com empréstimo, acho que me ajuda dessa forma. Porque eu não acho ético eu sair pegando animais, insetos e mostrando para os meus alunos. Muitas vezes eu posso, por exemplo, levar para o Jardim Botânico e fazer com que eles vejam na natureza, mas nem todo animal está ali, nem todos os organismos estão ali ou são acessíveis para eles. Eu quero mostrar um animal marinho, eles não vão ter condições de fazer*

15. Fonte: entrevista com professora Mariana. Arquivo de pesquisa LaNEC/UFRJ.

16. Fonte: formulário de avaliação nº 9, 2016.

17. Fonte: formulário de avaliação nº 92, 2017.

18. Fonte: entrevista com professor Franco. Arquivo de pesquisa LaNEC/UFRJ.

*um mergulho. Então acaba que a seção facilita dessa forma, tornando mais acessível às pessoas, aos meus alunos [...] (professora Mariana)<sup>19</sup>.*

O empréstimo de coleções didáticas de zoologia pelo setor constitui uma de suas facetas educacionais, que mostra essa relação antiga do Museu Nacional com as escolas. No momento do empréstimo, há uma interação entre os professores e os funcionários da SAE, que buscam esclarecer os objetivos e interesses do professor. Esse atendimento permite compreender o que o professor pretende com o uso daquele material em sala de aula<sup>20</sup>. No blog da seção, o professor tem acesso a um formulário de agendamento para empréstimo, a partir do qual pode selecionar datas e horários disponíveis.

Mudança de procedimentos, em relação às atuais condições de trabalho, ocorreu em relação à seleção do material. Anteriormente ao episódio do incêndio<sup>21</sup> do Museu Nacional, o professor tinha a opção de escolher os exemplares no dia agendado. Atualmente, como os objetos das coleções didáticas da SAE encontram-se alocados em diferentes laboratórios do Museu Nacional, os professores fazem uma seleção prévia do material pelo formulário de agendamento, e os funcionários da SAE separam. No dia agendado, os professores realizam a retirada do material.

Pelos relatórios anuais também pudemos observar a relação do Museu Nacional com as escolas, a partir da qual se destacou uma intensa participação do museu nos currículos escolares por meio, centralmente, da produção de materiais didáticos.

*Ainda há pouco foi ali creada uma secção de assistência ao ensino de historia natural, feliz e louvável iniciativa do actual diretor, Dr Roquette Pinto, secção que vem se desenvolvendo rapidamente graças também, ao acolhimento que tem merecido de professores officiaes e particulares (RELATÓRIO ANUAL DA SAE, 1929, p. 19).*

A importância dada à criação do setor pode ser vista ainda pelo depoimento de professores da educação básica observada no relatório anual da seção de 1930, no qual um professor de Biologia do Instituto La-Fayette elogia o museu pelo “grande trabalho científico que possui”

19. Fonte: entrevista com professora Mariana. Arquivo de pesquisa LaNEC/UFRJ.

20. Os objetivos, propostas e interesses do professor também são descritos nos formulários de agendamento.

21. Ocorrido em 2 de setembro de 2018.

(RELATÓRIO..., 1930). E ainda a valorização do setor na divulgação do conhecimento de história natural também é destacada:

Nada mais útil. O ensino de História Natural torna-se, assim, mais interessante, espelhados em exemplos concretos, levando ao estudante o hábito da observação, com o que aprenderá a conhecer as relações e dependências causas na natureza, melhor compreendendo a nossa própria vida, eivada de problemas que desafiam soluções (RELATÓRIO..., 1930, p. 19).

Ao analisar afirmações dos professores atualmente e aquelas referentes ao período de criação do setor, conforme exposto nos relatórios, podemos perceber a importância da seção de ensino, valorizada tanto pelo seu idealizador como pelas escolas. Estas reconhecem a importância do trabalho do Museu Nacional como difusor do conhecimento científico e da história natural.

Esses aspectos também são expostos nos depoimentos dos professores entrevistados. O esclarecimento de que “[...] criamos um gabinete de curiosidades para provocar o público para o olhar científico e curioso [...]”<sup>22</sup> expressa bem a potência que os objetos, agrupados de determinada forma nos gabinetes de curiosidades, teriam para despertar o olhar científico e curioso dos estudantes. Os exemplares da SAE servem como recursos para despertar o interesse pela Ciência e pela História Natural, uma premissa que se aproxima das épocas de 1920 e 1930, quando o Museu Nacional produziu e enviou às escolas coleções diversas para apoiar o ensino de ciências, momento em que se tinha como pressuposto que a população deveria ter acesso ao conhecimento científico, sendo o museu a instituição que tinha autoridade para tal tarefa.

Por outro lado, entendemos que os sentidos de História Natural tão fortemente associados aos objetos zoológicos da SAE no espaço do Museu Nacional são reforçados na medida em que professores reconhecem o trabalho científico de pesquisa que envolve esses objetos. Ou seja, os professores reconhecem a existência de um trabalho de pesquisa por trás das coleções didáticas zoológicas, que implicam em procedimentos científicos, como catalogação e descrição dos objetos, expresso nos depoimentos a seguir:

*Mas a gente não pode esquecer que a ciência começa na sua prática. Então primeiro o objeto, depois é o conceito, o conteúdo, o que for, né?*

22. Fonte: formulário de avaliação nº 91, 2017.

*Dentro dessa área aí, por exemplo, o Linneu, o Darwin, o Bates, o Muller, eles não criaram os conceitos, as teorias, as classificações pra depois aplicar na natureza, foi ao contrário... Então, assim, sempre é a primeira observação de um objeto, de um fenômeno, de uma paisagem... Ou seja, ela é a prática experimental primeiro (professor Hugo)<sup>23</sup>.*

*[...] quando dou alguma aula de Ciências com a coleção principalmente, uma das coisas importantes que quero que eles aprendam é a importância do trabalho científico para a vida humana. [...] Então, ele entender através daquela coleção o trabalho científico, que aquela coleção faz parte de um trabalho científico [...] (professora Mariana)<sup>24</sup>.*

Além da importância atribuída ao conhecimento da História Natural, também as metodologias de ensino preconizadas pelo ideário da Escola Nova e por Edgard Roquette Pinto podem ser percebidas nas perspectivas dos professores que usam as coleções didáticas da SAE. Sob esse aspecto, o ensino concreto, por meio dos objetos, que promovam uma educação pelos sentidos, experimental, constituem elementos que sobressaem nas explanações dos docentes, como no depoimento da professora Luciene<sup>25</sup>: “[...] mostrar de maneira palpável e diferenciada do que seria simplesmente uma projeção de forma a despertar o maior interesse dos alunos [...]”, ao se referir aos exemplares zoológicos da coleção didática da SAE.

Vimos nesta seção o valor dado aos procedimentos de empréstimo de coleções didáticas da SAE; os objetos dessas coleções invocando o caráter científico do Museu Nacional; a marca da História Natural nesses objetos, conhecimentos relevantes nas concepções dos professores; o reconhecimento da importância da criação da SAE e de suas ações para a sociedade, representada pelos professores e instituições escolares; e ainda os pensamentos pedagógicos difundidos pelo Movimento de Renovação da Escola Nova e defendidos por Edgard Roquette Pinto no Museu Nacional impactando as práticas docentes.

O Museu Nacional desenvolve atividades para as escolas, tendo as mesmas como foco de suas ações educativas, o que pode ser visto na sua dimensão educativa e que marca também as ações do setor após a institucionalização da educação em museus com a instituição da SAE, um setor que legitima os processos educativos no Museu Nacional, desenvolvendo a

23. Fonte: entrevista com professor Hugo. Arquivo de pesquisa LaNEC/UFRJ.

24. Fonte: entrevista com professora Mariana. Arquivo de pesquisa LaNEC/UFRJ.

25. Fonte: entrevista com professora Luciene. Arquivo de pesquisa LaNEC/UFRJ.

educação museal, com propostas pedagógicas sistematizadas. Como vimos, em outubro de 1927, Edgard Roquette Pinto criou o Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional (SAE), institucionalizando a prática educativa no museu (SILY, 2012, p. 300).

Consideramos que os educadores da SAE vêm atuando ativamente no contexto socio-histórico estudado, intervindo na comunidade disciplinar de Ciências e Biologia, preconizando determinados conhecimentos que julgam os mais relevantes de serem ensinados aos estudantes, e, portanto, orientando ações e pensamentos que incidem sobre o currículo das disciplinas escolares Ciências e Biologia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos explorar a função educativa do Museu Nacional por meio da criação da SAE. Para isso, dialogamos com os estudos de Ivor Goodson (1997), particularmente no que diz respeito à perspectiva das comunidades disciplinares e ao caráter socio-histórico de construção dos currículos escolares. E ainda nos apoiamos em trabalhos do campo da educação museal, o que nos permitiu situar a SAE em um contexto socio-histórico relacionado à sua origem.

A análise tem por foco dois momentos da história do Museu Nacional: o primeiro, nas décadas de 1920/30, e o segundo, no momento presente. Desse modo, a literatura explorada dialoga também com trechos de depoimentos de professores e a análise de trechos de relatórios anuais elaborados pelo setor no período de 1920 a 1930.

Argumentamos que a constituição da função educativa da SAE se constitui como uma influência relevante no ensino de Ciências e Biologia a partir da valorização de conhecimentos de História Natural, expressos nas coleções didáticas de zoologia encaminhadas às escolas.

Dessa forma, compreendemos que a função educativa da SAE se constitui pela sua relação com as escolas, que, ainda que fosse possível de ser percebida antes da sua criação, passa a ser legitimada por esse setor, institucionalizando essa relação, se tornando o setor responsável pelo diálogo com as instituições escolares, pelo trabalho em colaboração com as escolas, por pensar os processos educativos do Museu Nacional, o que pressupõe uma relação estreita e um trabalho permanente com as escolas. Por esse

viés, é possível indicar que o Museu Nacional incide sobre os currículos escolares, tanto na época em que a SAE foi criada quanto atualmente.

Mais ainda, é possível também perceber que a SAE, que completou 94 anos de existência em 2021, apresenta uma trajetória histórica relevante que auxilia a pensar o próprio Museu Nacional e sua função educativa. A SAE vem, ao longo de sua história institucional, participando da comunidade disciplinar que socio-historicamente produz as seleções de ensino dos currículos escolares.

Diante do exposto, consideramos este estudo relevante, uma vez que dá ênfase a um setor educativo do museu reconhecido socialmente pelo seu pioneirismo no contexto de museus brasileiros. E, nesse sentido, o trabalho traz contribuições para refletirmos sobre a relação entre o museu e as escolas a partir da relação que a SAE construiu com elas desde longa data.

Assumimos que o foco nas décadas de 1920 e 1930 nos trouxe elementos que favoreceram a análise na medida em que permitiram destacar o contexto de criação da SAE, a intensa produção de materiais didáticos de Ciências e Biologia pelo Museu Nacional, o estímulo ao conhecimento de História Natural, articulados ao Movimento de Renovação da Escola Nova, com atuação marcante de Edgard Roquette Pinto.

Destacamos, por fim, o pioneirismo da SAE como o primeiro setor educativo de um museu no Brasil, o que se constitui como marco na institucionalização da educação em museus. Esse pioneirismo singulariza as ações do setor no cenário da educação em museus, legitimando e dando visibilidade às ações educativas dos museus de uma forma mais ampla. A SAE vem participando da comunidade disciplinar de ensino de Ciências e Biologia, da produção de ideais, concepções e práticas para os currículos escolares.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcelo Mattos. Apresentação. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: Ibram, 2018. p. 7-8. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

COSTA, Andréa Fernandes. Breve histórico da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional: da institucionalização aos dias atuais. In: COSTA, Andréa Fernandes *et al.* *O lugar da educação nos museus*. Rio de Janeiro: Museu de Ideias, 2017. p. 49-59.

COSTA, Andréa Fernandes *et al.* Educação museal. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: Ibram, 2018. p. 73-77.

Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

FERREIRA, Márcia Serra. *A história da disciplina escolar ciências no Colégio Pedro II (1960-1980)*. 2005. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Maria Margarida. *Conhecimentos ecológicos em livros didáticos de ciências: aspectos sócio-históricos de sua constituição*. 2008. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

GOODSON, Ivor. *A construção social do currículo*. Lisboa: Educa, 1997.

HOOPER GREENHILL, Eilean. *The Educational Role of the Museum*. London: Routledge, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: Ibram, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

KÓPTCKE, Luciana Sepúlveda; LOPES, Maria Margareth; PEREIRA, Marcelle. A construção da relação museu-escola no Rio de Janeiro entre 1832 e o final dos anos de 1927: análise das formas de colaboração entre o Museu Nacional e as instituições da educação formal. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. *Anais [...]*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210562\\_5488a583a8a96556d2757196b1615377.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210562_5488a583a8a96556d2757196b1615377.pdf). Acesso em: 27 jun. 2022.

MACHADO, Maria Iloni Seibel Machado. *O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do Museu da Vida*. 2009. 250 f. Tese (Doutorado em Ensino e História das Ciências da Terra) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/31846>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MARANDINO, Martha *et al.* *A educação em museus e os materiais educativos*. São Paulo: GEENF/USP, 2016.

MARTINS, Luciana Conrado. *A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia*. 2011. 390 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/pt-br.php>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MARTINS, Ubirajara. Coleção taxonômica. In: PAPAVERO, Nelson (org.). *Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura*. 2. ed. São Paulo: Unesp-Fapesp, 1994. p. 19-43.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. *Educação museal: entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional*. 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/8298410/Educacao\\_museal\\_-\\_Marcelle\\_Pereira\\_dissertacao](https://www.academia.edu/8298410/Educacao_museal_-_Marcelle_Pereira_dissertacao). Acesso em: 27 jun. 2022.

RELATÓRIO ANUAL DA SEÇÃO DE ASSISTÊNCIA AO ENSINO DE HISTÓRIA NATURAL DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1930. Seção de Arquivo e Memória (SEMEAR)/Museu Nacional/UFRJ.

SILY, Paulo Rogério Marques. *Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)*. 2012. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/10322>. Acesso em: 27 jun. 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e o processo educativo. *In: VEIGA, Cynthia Greive; LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. 500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.p. 1-9.

